

Este livro foi escrito para uma geração que abriu mão do protagonismo e preferiu viver por intermédio de terceiros, que trocou experiências reais pela realidade virtual e o isolamento do quarto de oração por horas a fio em canais cristãos no YouTube. Este livro incomoda quem segue confortavelmente seus gurus espirituais e fere o ego de quem usa a fé para a autopromoção. Como se estivéssemos diante de um espelho, nosso coração e nossas intenções são revelados. A exemplo de todo bom escritor, o pastor Tomás Camba apresenta maneiras de sincronizar o nosso coração ao de Deus, de voltar a amar a Palavra, de seguir a Cristo em meio a caminhos duvidosos e confusos e de rejeitar vozes que não são a do Bom Pastor.

ABRAÃO JORGE EPALANGA

Pastor batista em Huambo (Angola) e fundador
do Projeto Relevante

Tomás Camba nos presenteia com este provocador, instigante e necessário texto, que nos leva a refletir sobre a terceirização da fé, fenômeno presente em praticamente toda a história da Igreja e muito comum ainda em nossos dias. Quando o princípio do sacerdócio de cada cristão é substituído pela mediação de terceiros, promove-se uma fé doentia e raquítica. Vale a pena investir tempo nesta reflexão.

LOURENÇO STELIO REGA

Teólogo, eticista e diretor da Faculdade
Teológica Batista de São Paulo (SP)

Você já foi oprimido por uma liderança espiritual que se propunha intermediária entre você e Deus? Tomás é muito competente em nos fazer enxergar a libertação pessoal que há em Cristo e o caminho de intimidade que está aberto a todo cristão que ama o Senhor. Louvo a Deus pela obra que ele nos entrega e por toda liberdade em Jesus que ela oferecerá aos santos.

YAGO MARTINS

Teólogo e pastor na Igreja Batista
Manaaim em Fortaleza (CE)

TERCEIRIZAÇÃO DA FÉ

Assuma a responsabilidade do seu
relacionamento com Deus

TOMÁS CAMBA

Copyright © 2020 por Tomás Camba
Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão, salvo indicação específica. Usado com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C186t

Camba, Tomás Fernando

Terceirização da fé : assumo a responsabilidade do seu relacionamento com Deus / Tomás Fernando Camba. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2020.

96 p.

ISBN 978-85-433-0492-2

1. Deus (Cristianismo). 2. Discipulado (Cristianismo).
3. Vida espiritual - Cristianismo. 4. Crescimento espiritual.
I. Título.

19-61021

CDD: 248.4
CDU: 27-584

Edição
Maurício Zágari

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Inspiração
1ª edição: janeiro de 2020

Para meus amigos Alfa Victor Marta
e Hélder Camba Binza (*in memoriam*)

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Prefácio</i>	10
<i>Introdução</i>	13
1. Deus me livre!	17
2. Entre o véu e a cortina do templo	23
3. Gurus e mensageiros da fé	31
4. Conectados com a Palavra	38
5. O labirinto	43
6. O canto da sereia	48
7. “Agora, eu te vi com meus próprios olhos”	54
8. “Fala, pois teu servo está ouvindo”	61
9. Espiritualidade do espetáculo	67
10. Selvagem e amoroso	74
11. Nem no monte, nem no templo	82
<i>Conclusão</i>	91
<i>Notas</i>	93
<i>Sobre o autor</i>	95

Agradecimentos

Existem algumas pessoas sem as quais este livro não poderia ter sido concluído.

Minha enorme gratidão à minha esposa e fiel leitora, Thayna Karen, pelas leituras e críticas iniciais. Seu apoio foi e sempre será fundamental para meu crescimento.

Aos meus amigos David Bango, João Lucas Cabral e Jonathas Lira, que leram o manuscrito e ofereceram preciosas contribuições.

Ao meu amigo e editor, Maurício Zágari (mestre Jedi!), pelas primorosas sugestões e por todo apoio, e a toda a equipe da Editora Mundo Cristão.

Prefácio

A comunidade evangélica deixou de ser uma minoria ativa no Brasil há muito tempo, e seu crescimento numérico tem provocado interesse e preocupação. Essa maior visibilidade despertou muitas questões, internas e externas, que buscam qualificar tal crescimento em aspectos como a direção a que ele aponta, o projeto missional que revela e o tipo de aporte cultural que produz. E novas perguntas continuam surgindo.

No processo de refletir acerca dessas questões, comecei a deparar com opiniões diversas, de pensadores e acadêmicos não evangélicos, sobre o impacto desse crescimento e os possíveis destinos da comunidade evangélica. Essas observações extramuros deveriam nos levar a uma disciplina espiritual constante de autocrítica, visto que temos a uma forma de avaliação autorreferente, muitas vezes inebriada com a sedução dos números e das multidões. Precisamos nos perguntar que relação há entre nosso entendimento da fé cristã e nossa fome de vivê-la — afinal,

embora confessemos uma fé ortodoxa, podemos viver de forma completamente distinta de nossa confissão. Como isso é possível? Será que nosso testemunho revela um abismo entre o entendimento e a vivência da fé?

Essa realidade me lembra duas ações de Jesus descritas em Marcos. A primeira delas diz respeito à ocasião em que Jesus amaldiçoou a figueira:

Na manhã seguinte, quando saíam de Betânia, Jesus teve fome. Viu que, a certa distância, havia uma figueira cheia de folhas e foi ver se encontraria figos. No entanto, só havia folhas, pois ainda não era tempo de dar frutos. Então Jesus disse à árvore: “Nunca mais comam de seu fruto!”. E os discípulos ouviram o que ele disse.

Marcos 11.12-14

A segunda ação vem logo na sequência e descreve Jesus opondo-se aos mercadores da fé no templo:

Quando voltaram a Jerusalém, Jesus entrou no templo e começou a expulsar os que compravam e vendiam animais para os sacrifícios. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, impediu todos de usarem o templo como mercado e os ensinava, dizendo: “As Escrituras declaram: ‘Meu templo será chamado casa de oração para todas as nações’, mas vocês o transformaram num esconderijo de ladrões”.

Marcos 11.15-17

O paralelo que gostaria de sugerir é a discrepância que há entre o que se vê de longe e o que se observa de

perto. De longe, a figueira dava a impressão de ter frutos; de perto, a realidade era outra. Visto de longe, o templo demonstrava uma atividade litúrgica que, de perto, revelava uma transformação crítica de finalidade: o que deveria ser uma casa de oração se tornara um covil de ladrões.

Meu coração alegrou-se ao ver que meu querido amigo Tomás Camba, brilhante representante da nova geração de pastores evangélicos no Brasil, dispôs-se a encarar o desafio de lidar com o tema da relação entre a fé professada e a fé vivida pelo povo evangélico brasileiro — a possível discrepância entre o que se vê de longe e o que se encontra de perto. Nesta obra, Tomás nos sugere onde devemos focar a atenção e onde encontrar as possíveis causas da discrepância entre proclamação e vida, além de apontar soluções para os problemas identificados.

Precisamos de um crescimento evangélico que não descuide da fidelidade, que não comprometa a qualidade do testemunho e que não negligencie — seja pelo pragmatismo, seja pelo oportunismo — o mandato que temos, como Igreja de Jesus Cristo, de fazer discípulos de todas as nações.

Desejo a todos uma boa, desafiadora e abençoada leitura!

ZIEL MACHADO

Vice-reitor do Seminário Servo de Cristo e
pastor da Igreja Metodista Livre Nikkei,
em São Paulo (SP)

Introdução

Uma notícia maravilhosa a nosso respeito vem sendo colocada de lado: em Cristo somos convidados a adorar o Deus Eterno, entrando em sua presença com alegria e leveza de coração. Como diz o apóstolo Paulo em sua carta à igreja em Roma: “Agora, portanto, já não há nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

Aleluia!

Essa notícia é o verdadeiro passaporte para uma vida de comunhão profunda com o Eterno. Todas as barreiras em relação a ele foram removidas pela morte expiatória de Cristo e, portanto, nada nos impede de estar na presença de Deus e desfrutar comunhão com ele. Entretanto, o que temos visto é a desvalorização dessa verdade por parte de alguns e, de certo modo, o desconhecimento dela por parte de outros.

Este livro nasceu da preocupação com o contínuo crescimento dessas duas premissas. A primeira, a desvalorização, se deve à efervescência do conceito de terceirização,

que nada mais é que delegar responsabilidades. Os cristãos já não parecem preocupados em manter seu relacionamento com o Eterno, em viver as Escrituras e ser moldados por ela, em entrar no lugar santíssimo para alegrar-se no Eterno e no sacrifício que Cristo alcançou na cruz. Em vez disso, o que notamos é que cada vez mais os cristãos optam por delegar seu relacionamento com Deus para terceiros, a quem chamo de gurus da fé.

Como consequência desse equívoco, alguns grupos de cristãos não têm um relacionamento pessoal com Cristo, o que nos leva à segunda premissa: o desconhecimento dessa verdade. O resultado é que tais grupos vivem uma espiritualidade de temor que os impede não só de alcançar a alegria que a graça lhes concede, mas também de desfrutá-la.

Minha esperança é que a leitura deste livro contribua para o desenvolvimento de uma vida de intimidade, dependência e unidade com Cristo. Sem intermediários.

Quando Moisés desceu do monte Sinai carregando as duas tábuas da aliança, não percebeu que seu rosto brilhava, pois ele havia falado com o SENHOR. Quando Arão e os israelitas viram o brilho do rosto de Moisés, tiveram medo de se aproximar dele.

Moisés, porém, chamou Arão e os líderes da comunidade, que se aproximaram, e Moisés falou com eles. Em seguida, todo o povo se aproximou, e Moisés lhes transmitiu todas as instruções que o SENHOR lhe tinha dado no monte Sinai. Quando Moisés terminou de falar com eles, cobriu o rosto com um véu. No entanto, sempre que entrava na tenda da reunião para falar com o SENHOR, tirava o véu até sair. Depois, transmitia ao povo as instruções que o SENHOR lhe dava, e os israelitas viam o brilho de seu rosto. Então Moisés cobria novamente o rosto com o véu até voltar para falar com o SENHOR.

ÊXODO 34.29-35

.....

Então Jesus clamou em alta voz novamente e entregou seu espírito. Naquele momento, a cortina do santuário do templo se rasgou em duas partes, de cima até embaixo.

MATEUS 27.50-51

Deus me livre!

Ouvir Deus é uma experiência possível para todos que foram regenerados e nasceram de novo. A cortina rasgada do templo representa a consumação, o encerramento da antiga aliança, que foi substituída pela nova aliança mediante o sangue de Jesus derramado na cruz. Apesar disso, a cortina por vezes parece insistir em permanecer, separando alguns cristãos do Criador, como nos tempos de Moisés.

Na época do êxodo, a concepção de Israel a respeito de Deus era diferente da apresentada por Cristo no Novo Testamento. Para eles, Javé, o Eterno, com toda sua santidade e glória, não podia ser visitado, nem seu nome deveria ser pronunciado de maneira vã, e quem assim procedesse se tornaria réu do castigo divino. Entrar na presença do Eterno representava, portanto, um grande perigo no contexto do mundo antigo. Todo cuidado era necessário.

De acordo com Êxodo 19—20, dois meses depois da libertação de Israel da escravidão do Egito, Deus convoca Moisés, no deserto do Sinai, para que dissesse ao povo

que, se eles obedecessem ao Senhor e cumprissem sua aliança, seriam seu tesouro especial dentre os povos da terra, reino de sacerdotes e nação santa. O povo, então, devia preparar-se para o encontro com o Eterno. No entanto, chegado esse momento, todos ficaram atônitos com a visão do monte, que fumegava. Posso imaginar o medo que sentiram ao ouvir aquela voz de trovão. O temor era tal que pediram a Moisés: “Fale você conosco e ouviremos; mas não deixe que Deus nos fale diretamente, pois morreríamos!” (Êx 20.19).

Que povo tolo! Por que rejeitariam conversar com Deus? Essa foi a melhor oportunidade de conhecerem a Deus, de conversarem com ele diretamente e talvez de questionarem algumas situações difíceis enfrentadas no deserto. Mas a resposta deles foi simplesmente “não queremos falar diretamente com Deus”, delegando a Moisés a responsabilidade de conversar com o Todo-poderoso.

Uma resposta possível a esse cenário estranho talvez fosse o fato de que eles já conheciam a Deus, devido à longa jornada do Egito até aquele ponto, no deserto. O convívio frequente talvez significasse não existir novidade em ouvir da parte de Deus. Mas pensar assim seria negligenciar completamente as pistas que o texto bíblico nos apresenta, pois está claro que eles tiveram medo de perder a vida, o que evidencia um aspecto muito importante: conhecer é diferente de relacionar-se. O povo de Israel aparentemente conhecia o Eterno pelos cuidados que ele lhe dispensava, mas não ousava manter com ele um relacionamento, muito menos profundo e íntimo.

Deus, no entanto, não deseja que nossa experiência com ele se restrinja apenas à grandeza de seu nome ou a um relacionamento superficial. Precisamos dar um mergulho mais fundo nesse oceano inesgotável. Afinal, se nem mesmo a eternidade será suficiente para conhecer a dimensão de seu amor, que dizer daqueles míseros dias que o povo passou com Deus pelo deserto?

Nossa condição atual se assemelha muito ao cenário de Israel descrito em Êxodo. Aderimos a um cristianismo de esconde-esconde. A loucura de nossa sabedoria nos conduz a caminhos incertos e apenas aparentemente seguros. Esconder-se de Deus é loucura, e o mais preocupante é que não raro isso ocorre sob a tenda da religiosidade. Loucura e cegueira maior é tentarmos nos livrar de ouvir o Eterno e de lhe obedecer, delegando essa responsabilidade a outros, na vã tentativa de escapar do juízo divino. Como consequência, acabamos vivendo uma espiritualidade baseada na experiência de terceiros, e assim negligenciamos experiências próprias e profundas com Deus.

Embora essa concepção de um Deus distante, que habita em lugares altos e inacessíveis, seja oriunda do judaísmo, ela ainda domina a mente dos cristãos que vivem à sombra da espiritualidade de terceiros. A terceirização da fé nos faz olhar para Deus de maneira equivocada, como se chegar-se a ele fosse privilégio dos “Moisés” do momento. Sob essa ótica, Deus não faz parte da realidade concreta, está além dela. Está tão longe que não se faz presente no dia a dia.

O resultado é um cristianismo infrutífero, estagnado, amargo, incapaz de perceber a beleza que reside no Deus

que, ao se esconder, também se revela; no Deus que é todo-poderoso mas igualmente puro amor; que exhibe fúria como a de um vulcão em erupção e, ao mesmo tempo, a ternura de envolver-nos em seus braços com afagos inigualáveis.

O temor do povo em relação ao Criador se deve ao desconhecimento e à inexistência de um relacionamento pessoal. Nos primeiros capítulos de Gênesis, antes de o pecado atingir o ser humano, vemos Deus conversar com Adão e Eva no jardim, em um relacionamento íntimo e pessoal a ponto de ambos permanecerem nus diante de Deus, sem exhibir medo ou vergonha. A nudez representa a profundidade do relacionamento com o Criador, a ausência de empecilhos. Mas com a desobediência da humanidade vieram a inimizade com Deus e a impessoalidade relacional.

É interessante notar que todo ato de desobediência nos desnuda da verdadeira natureza. Quando desobedecemos, a relação com Deus e com o próximo é esvaziada. Adão e Eva simplesmente perderam a intimidade com seu Criador, cujo nome foi sendo esquecido e deixado de ser pronunciado. O Eterno passa a ser conhecido apenas por seus adjetivos: “Deus Todo-poderoso”, “Deus dos antepassados”, “Deus de Abraão, Isaque e Jacó”. Apenas em Êxodo, ao revelar-se a Moisés, o Eterno manifesta seu nome, demonstrando seu interesse em um relacionamento pessoal e autêntico.

Israel acostumara-se à relação de impessoalidade com um Deus cuja identidade era obscura, que havia permitido